

Desde o princípio havia a criatividade. Já de livros antigos, como a Bíblia, a criação é tida como um saber poderoso, originando universos, mundos e a própria vida. Na mitologia egípcia, Khnum representa tal virtude. Do Candomblé Ketu vinha Olodumare, o pai de todos os orixás, criador do mundo, do início e do fim. A mitologia nórdica falava de Alfadur, o supremo deus responsável por recriar o mundo após o Ragnarok. Mas na Mitologia Grega já éramos alertados – tudo surge do Caos, o Deus Primordial, aquele que ali estava antes de tudo. Aquele que é amplo, mas que separa, e os saberes antigos nos ensinaram: toda coisa criada tem seu oposto. Se há luz, há de haver sombra; só valoriza-se a paz em tempos de guerra; sabemos o que é o amor em sua pureza porque nos foi mostrada a força do ódio. E se há a criatividade, o novo, o impensado, o inédito, há também a cópia, a repetição e a mesmice. E dizem os antigos: ele está entre nós desde os primórdios, desde quando a primeira criação se deu neste plano no qual vivemos.

Quem é ele? O Copycat. Aquele que não tem forma, aquele que rouba sem escrúpulos, aquele que se arrasta pelas sombras e ataca sem alarde. O antigos nos ensinaram: apenas a magia é capaz de detê-lo. Tal monstruosidade pode apenas ser combatida com aquilo que vêm do coração, aquilo que temos de mais espontâneo dentro de nossa alma. E além dos Deuses, apenas aquelas que dominam a magia criativa e espontânea podem derrotá-lo – as filhas de Hécate, a deusa da magia, conhecidas em nossos tempos como Bruxas. Foi assim que ele foi vencido, num tempo distante, quando as bruxas se uniram em uma batalha feroz, mas vitoriosa.

Tal história, contudo, não se encontra em livros. É passada de geração para geração, contada em cantigas de ninar, o que levou muitos a contestar sua veracidade. Mas eu sabia, enquanto rainha, que tal história era real. Assim ela foi passada a mim, por minha mãe, e a ela, por minha avó. E foi tal convicção que me levava a convocar as Bruxas da Floresta naquela noite. Banhadas pela luz da Lua, eu segurava a **Fita Vermelha de Madoka** entre meus dedos, aquela que representava nossa união perante os caminhos do destino.



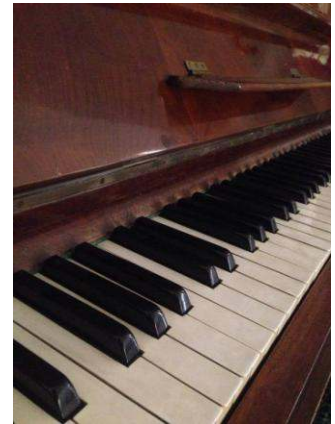
“Minhas irmãs”, comecei, “vos convoco nesta noite solene para compartilhar convosco minhas angústias. É com peso em meu coração que lhes trago tal notícia, mas é possível que um grande mal venha a cair sobre nós. Nossa irmã Freya, aquela que carrega consigo o **Diário do Futuro**, alertou-me que uma sombra pairava sobre



nosso destino. Uma sombra sem forma, incapaz de criar, fadada a roubar dos outros aquilo que lhes pertence por direito: a criatividade.”

Pela fita que nos unia, eu pude sentir o coração de minhas irmãs vacilar. Não era preciso muito detalhamento – elas já sabiam a quem eu me referia. O Copycat ressurgia das sombras mais uma vez, e estava em nossas mãos a responsabilidade de o derrotar novamente. Sabendo que não era possível perder tempo, respirei fundo, enchendo meus pulmões, e continuei.

“Em seu Diário, Freya foi capaz de vislumbrar um confronto. Desde que me confidenciou sua premonição, estive atenta a toda e qualquer manifestação possível de tal criatura horrenda. Eu vos chamei nesta noite, minhas irmãs, pois nesta manhã, estive na presença de Euterpe. Foi com muita dor em seu coração que me confidenciou já não conseguir mais inspirar a música em nosso reino, pois nossos musicistas tiveram suas criações roubadas. Em particular **Nodame, nossa pianista**, que disse já não ser mais capaz de sentir a música em seu coração.”



Senti minhas irmãs angustiadas. ‘Como viver sem música para alegar nossos dias?!’, ‘O que mais ele será capaz de roubar?’, ‘Não podemos deixa-lo se aproximar de nossas pessoas!’, as ouvi dizer. Senti, contudo, um calor em meu coração. Determinação. Força. Criatividade. Meu olhar voltou-se para duas jovens bruxas, que seguravam as mãos uma da outra. Após se fitarem por um momento e concordar com relação a algo, uma delas levantou-se, chamando a atenção das demais.

“Minhas irmãs. Eu posso sentir a angústia em seus corações, mas lembrem-se o que nossa fita representa: a fita do destino, com a qual Madoka nos agraciou, representa nossa união. Sei das histórias, e sei que o Copycat é uma existência vil e perigosa, mas não podemos nos deixar abalar por sua maldade! Nós fomos abençoadas por Hécate e temos a magia ao nosso lado. Basta que estejamos juntas! Mais do que chorar nossas angústias, precisamos enxugar nossas lágrimas e seguir adiante neste caminho no qual o destino nos colocou.”

“A Shana está certa! Agora precisamos de um plano para combater o Copycat.”

Senti o calor inundar meu peito em ondas, crescendo a cada instante. Minhas irmãs queriam lutar. E juntas lutaríamos, se este era nosso destino. Nossa união nos faria mais fortes, certamente.

Naquela noite, as bruxas mais criativas ofereceram-se para atrair o Copycat até nosso território. Lideradas por Pam, conhecida por sua imensa habilidade artística, se reuniram no saguão principal do castelo sob a luz da lua, que nos daria força para o combate. Durante o dia, nos preparamos – as bruxas traziam consigo seus livros, instrumentos, artefatos e inesgotável capacidade criativa, enquanto eu tomei o cuidado de evacuar todos os aposentos de minha residência. Quando tivemos a certeza de que nenhum indivíduo vulnerável à sombra do Copycat estava próximo de nossas terras, tratamos de nos acomodar sobre o centro do saguão, todas com suas fitas vermelhas presas em alguma parte de seus corpos. Algumas bruxas com habilidades culinárias nos proveram de bolinhos de arroz abençoados, para que continuássemos firmes e fortes ao longo da noite.

Assim que a Lua subiu no céu, Pam iniciou sua criação, desenhando gravuras sob o chão. Inspirada por Euterpe, murmurava uma melodia doce, que não demorou muito para ser acompanhada pelas vozes de outras irmãs bruxas. Aquelas que tinham mais habilidades com feitiços permaneciam em roda, em volta do círculo criado por Pam. Shana havia nos alertado sobre a necessidade de conjurar feitiços de proteção, principalmente para o grupo liderado por Pam. Era uma das poucas que já havia se deparado com o Copycat, e sabia que apenas a união e carinho de uma bruxa pela outra era capaz de combatê-lo.

“Confiança, perseverança e criatividade, minhas irmãs. É disso que precisaremos”, ela nos alertou. “Seremos vitoriosas se permanecermos unidas!”

Quando a noite estava mais escura, quando a Lua estava mais alta no céu, sentimos a presença vil entre as sombras. Sem alarde, sem ser anunciado, o Copycat se arrastava entre nós. Nossas irmãs mais criativas seguiram em seus desenhos e melodia, atraindo o monstro para o centro do saguão. Assim que ele se posicionou onde desejávamos, dei meu sinal às minhas irmãs. Segurando firmemente as mãos umas das outras, recitamos as palavras que nos foram ensinadas por nossas mães, avós e ancestrais, que pisaram nestas terras antes de nós.

“Ó, vil criatura das sombras! Volte para a escuridão à qual pertence! A luz da criação há de nos guiar, e **em nome da lua te castigar!**”



Ouvimos um som gutural, assustador, mas não nos abatemos. De mãos dadas, sem temer, recitamos as palavras em uníssono, até que a luz da lua brilhasse o suficiente para afastar todas as sombras, levando com elas o Copycat.

Quando tivemos a certeza de que o vil monstro já não estava mais entre nós, nos abraçamos, e permitimos que nossos corações palpitassem aliviados. Na manhã seguinte, solicitei que abrissem as portas do castelo para que nosso povo retornasse à sua rotina. Euterpe me comunicou, em êxtase, que Nodame voltara a seu piano, e sua doce melodia dançava pelas paredes do palácio. Minhas irmãs despediram-se, seguindo rumo à floresta.

Com o coração leve, despedi-me, embora soubesse que os laços que nos uniam não se partiriam com a distância. Mais uma vez, como ditavam as lendas e a tradição, a união tornou-se nossa força. Nosso reino estava em paz, mais uma vez, e assim permaneceria, enquanto acreditássemos umas nas outras.